

Economistas prevêem recessão

São Paulo - Conselheiro político do candidato Ciro Gomes (-PPS) e professor de Direito em Harvard (EUA), Mangabeira Unger acredita que após as eleições haverá uma desvalorização da moeda. "Esse é o desfecho mais provável após as eleições, é o de menor resistência", disse. O modelo considerado mais provável, segundo Mangabeira, seria composto pelo ajuste cambial, com alargamento da banda; proteção às reservas, com controle de fluxo cambial e de capital de curto prazo, e incentivo às exportações; um corte profundo nos investimentos do setor social e reorganização da dívida interna. Mangabeira Unger participou ontem do seminário "O que muda na economia após as eleições", no hotel Transamérica, em São Paulo.

"Após esse conjunto de medidas, finalmente teríamos a recessão preparada, orquestrada", previu. "E a consequência é que, após se restabelecer da recessão, o País iniciará um período de crescimento fraco, onde terá que lutar para exportar, quando todo o mundo está exportando, além de produzir no mercado interno com demanda reduzida." Nesse mesmo cenário, Mangabeira Unger acredita que o Estado não terá recursos para investir no capital humano e terá que conviver com a radicalização de lutas sociais.

A palestra do professor Unger no seminário antecedeu a

do economista Aloízio Mercadante, candidato a deputado federal e vice-presidente do Partido dos Trabalhadores, que também tem uma avaliação pessimista do cenário pós-eleição. "O cenário mais provável é o mexicano, o de Salinas Gostaria, com os ajustes sendo empurrados, perdas de reservas substantivas, dolarização, insegurança dos agentes econômicos, crise cambial e o governo no aguardo da ajuda internacional, na forma de empréstimo de emergência, para recompor reservas", disse Mercadante.

O desfecho do cenário, segundo o economista do PT, é o governo propondo a volta ao FMI e pedindo um empréstimo, cuja dimensão, consistência e ritmo não estão definidos. "Haverá uma desvalorização substancial e controlada da moeda que, somada ao esforço fiscal e ao empréstimo internacional, permitiriam o ajuste", disse Mercadante.

O economista avalia o pronunciamento feito pelo presidente Fernando Henrique como um "recado" para o sistema financeiro internacional, de que haverá aumento de impostos, corte de gastos e um acordo com o FMI. "Para dizer isso, ele usou um monte de adjetivos para confundir o eleitor, mas o Brasil vai passar por um processo recessivo, um arrocho parecido com o dos anos 80", disse Mercadante.